



ANGOLA ENTRE GIGANTES: NOVELO COMPLEXO DE RELAÇÕES COM EUA E CHINA

Onésimo Agnelo Tomás Semedo¹
Loide De Sousa Viegas Sebastião²
Luis Miguel Dias Caetano³

RESUMO

Angola, localizada na África Austral, é um país com vasto potencial agrícola e econômico, mas que enfrenta desafios econômicos, sociais e políticos significativos. Historicamente, os governos angolanos buscaram fortalecer suas relações diplomáticas com grandes potências mundiais, destacando-se os Estados Unidos e a China. Essas relações formam um “novo” intrincado de interações geopolíticas, onde os interesses econômicos e políticos dessas potências se entrelaçam com os desafios internos de Angola. Nos últimos anos, as relações de Angola com os EUA têm se intensificado, especialmente no âmbito econômico, com investimentos direcionados a projetos estratégicos, como o Corredor do Lobito, que visa melhorar a infraestrutura de transporte no país e fortalecer suas conexões comerciais com outras nações africanas. Em contrapartida, a China tem se estabelecido como um dos maiores parceiros comerciais de Angola, investindo substancialmente em projetos de infraestrutura. Embora esse modelo de cooperação tenha contribuído para o desenvolvimento do país, ele também levanta preocupações sobre a dependência de Angola em relação a parceiros externos e a possível perda de autonomia política. O objetivo desta pesquisa é analisar as relações geopolíticas de Angola com os EUA e a China, identificando os desafios e oportunidades que emergem dessas interações. A metodologia adotada foi uma revisão bibliográfica, com base em artigos acadêmicos, relatórios de organizações internacionais e fontes de notícias relevantes. Os resultados indicam que, apesar dos benefícios econômicos trazidos pelos investimentos externos, Angola enfrenta o risco de dependência excessiva, o que pode comprometer sua soberania. A busca por um equilíbrio nas relações com os EUA e a China é fundamental para garantir o desenvolvimento sustentável do país e a preservação de sua autonomia política.

Palavras-chave: Angola; Geopolítica; Relações internacionais; EUA.

Instituto de Ciência Sociais Aplicadas, Palmares, Discente, onesimosemedo@aluno.unilab.edu.br¹
Instituto de Ciência Sociais Aplicadas, Palmares, Discente, loidesebastiao@gmail.com²
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Palmares, Docente, migueldias@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

Angola, com sua vasta biodiversidade e abundância de recursos naturais, destaca-se como um território propício para a construção de parcerias estratégicas, embora enfrente desafios significativos em sua trajetória de desenvolvimento. A complexidade das relações internacionais de Angola, especialmente com potências mundiais como os Estados Unidos e a China, configura um cenário multifacetado que demanda uma análise detalhada. Segundo Sousa (2013, p. 3), já no período fundacional do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), estabeleciam-se contatos individuais entre a República Popular da China e esses movimentos políticos, verificando-se que a China:

apoiou com armas e, pelo menos, 112 conselheiros militares a FNLA desde 1964, depois privilegiando mais comprometidamente a UNITA nos finais da década, assim subestimando quer a base popular nacional do MPLA quer a manipulação étnica e mesmo regional mobilizada continuamente pelos outros dois movimentos nacionalistas (Sousa, 2013, p. 3).

Nesse contexto, Sousa (2013) explica que “esses equívocos e desencontros ajudam a entender por que Angola independente demorou oito anos para formalizar a abertura de relações diplomáticas oficiais com a República Popular da China”. Vale destacar que a cooperação entre os dois países se consolidou verdadeiramente apenas após o fim da guerra civil em Angola, em 2002, apesar da formalização das relações diplomáticas ter ocorrido em 1983 (Sousa, 2013).

Após o fim da guerra civil (1975 a 2002), o governo angolano buscava formas de reconstruir o país devastado pelo conflito, recorrendo inicialmente a doações de grandes potências ocidentais. Contudo, “o governo não receberia, porém, mais do que exigências políticas de democratização total e transformação abrupta das estruturas do Estado como condição imperativa para a obtenção de fundos” (Sousa, 2013). Nesse contexto, aproximou-se cada vez mais da China, que, interessada em expandir sua política externa, se mostrou disposta a colaborar com a reconstrução de Angola, um “país que oferecia recursos naturais abundantes para alimentar o acelerado crescimento econômico da China” (Sousa, 2013). Rodrigues (2021, p. 18) ressalta que “o petróleo sempre assumiu um papel muito importante nesta relação, sendo o produto principal nas trocas comerciais entre os dois países”.

Segundo Adam e Schutz (2019, p.1):

As relações entre os Estados Unidos e a África oscilaram bastante ao longo da história. Depois do processo de descolonização dos países africanos, que se iniciou no final da década de 1950, a lógica da Guerra Fria marcou a relação entre o país e o Continente, com os EUA envolvendo-se em conflitos na África para financiar rivais dos grupos comunistas apoiados pela União Soviética.

Segundo Da Silva (2008, p. 151), “desde meados da década de 60, Brazzaville, cujo governo era apoiado pela URSS, passou a ser a principal base de operação do MPLA”, demonstrando como a Guerra Fria influenciava o cenário angolano, com o MPLA se aproximando da União Soviética e recebendo apoio crucial de Cuba. Da Silva (2008, p. 151) também destaca que, “em julho de 1974, os Estados Unidos começaram a financiar, com verba secreta, a FNLA, grupo que, segundo a visão das autoridades norte-americanas, tinha melhores condições de defender seus interesses na região”. Posteriormente, em setembro de 1975, “a CIA passou a financiar também a UNITA, na expectativa de que as forças combinadas da FNLA/UNITA pudessem derrubar o MPLA” (DA SILVA, 2008, p. 159), evidenciando a clara bipolaridade da época, com o objetivo de conter o avanço do comunismo no continente africano. No entanto, “assim como ocorreu com a África do Sul, a revelação da intervenção norte-americana deu maior legitimidade ao governo do MPLA e diminuiu o impacto



político do apoio cubano-soviético ao MPLA” (Da Silva, 2008).

Com o fim da bipolaridade mundial, a África deixou de ser o foco principal da política externa dos Estados Unidos. No entanto, essa ausência de atenção não perdurou por muito tempo. Adam e Schutz (2019, p. 1) observam que, além da preocupação em combater o terrorismo em escala global, “a crescente presença chinesa no continente africano, bem como o novo posicionamento dos países africanos no sistema internacional, conhecido como Renascimento Africano, também marcam o novo momento nas relações EUA-África”. Biggi (2022, p. 34) ressalta que “as relações entre os países começaram a melhorar após a Guerra Fria e, principalmente, após setembro de 2001, demonstrando que as interações de interdependência entre os dois países se intensificaram”.

A relação de Angola com os Estados Unidos tem sido marcada por um crescente interesse econômico, particularmente nos setores de petróleo e gás. Segundo Culo (2024, p. 19), “o estabelecimento de laços mais estreitos com os Estados Unidos pode diversificar as fontes de investimento e conhecimento técnico disponíveis para Angola, impulsionando seu desenvolvimento econômico e social de maneira mais ampla”. Entretanto, surgem questionamentos sobre se essa proximidade não comprometeria a soberania de Angola e influenciaria negativamente suas relações com os países vizinhos. Por outro lado, a relação com a China se caracteriza por um modelo de cooperação. Segundo Santiago (2023, p. 36), “a China fornece ajuda econômica substancial a Angola, ajudando a melhorar seu desenvolvimento econômico.

Além disso, a China implementa políticas ativas, co-desenvolvidas pelos dois países, para ajudar Angola a desenvolver suas indústrias, incentivando o uso do petróleo como meio de liquidar seus empréstimos”. O investimento chinês em grandes projetos de infraestrutura, como a construção de estradas e habitações, representa uma oportunidade crucial para o desenvolvimento econômico de Angola, embora também levante questões sobre a autonomia política do país em um cenário global cada vez mais competitivo. Dessa forma, a interdependência entre Angola, Estados Unidos e China configura um novo complexo de relações internacionais.

Esta pesquisa, fundamentada em uma revisão bibliográfica, pretende explorar as dinâmicas desse intrincado contexto, analisando os desafios e oportunidades que surgem das interações entre esses atores globais. Além disso, o estudo propõe discutir a importância de se buscar um equilíbrio nas relações de Angola com as potências mundiais, de modo a garantir um desenvolvimento sustentável e a preservação da soberania nacional.

METODOLOGIA

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com o objetivo de analisar a complexidade das relações entre Angola, Estados Unidos e China. Segundo Gil (2002), a pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos sociais, possibilitando a identificação de padrões e dinâmicas nas interações entre os diferentes atores envolvidos.

Os dados foram coletados por meio de uma revisão bibliográfica, que incluiu a análise de livros e artigos científicos relevantes sobre o tema. Adicionalmente, foram consultadas fontes midiáticas, como jornais, revistas e portais de notícias, a fim de compreender como o cenário atual da política externa angolana se configura em relação às potências mundiais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das relações de Angola com os Estados Unidos e a China revela uma teia complexa de interesses econômicos, políticos e sociais. A recente decisão de Angola de se retirar da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) ressalta sua busca por maior autonomia na política energética, refletindo uma intenção de diversificar parcerias, especialmente em um contexto de aproximação crescente com os EUA. Conforme De Souza (2024), “a decisão de Angola de deixar a OPEP aponta para mudanças estratégicas em curso”. Essa mudança na orientação estratégica também se evidencia no interesse de Angola em adquirir armamento norte-americano como parte do programa do governo para a reorganização das Forças Armadas Angolanas (FAA), em detrimento do arsenal russo.

A possível construção de uma base militar americana no norte de Angola também levanta preocupações sobre a dependência do país em relação aos EUA, especialmente em um cenário de tensões crescentes com a China. Nesse contexto, Paulo Wache, especialista moçambicano em Relações Internacionais, afirmou em entrevista à DW que “se você tem um vizinho com a presença dos americanos, não é garantia de que haverá apenas “externalidades” positivas”. Podem ocorrer “externalidades” negativas se o governo vigente for hostil aos interesses dos EUA”, destacando as preocupações que essa situação pode gerar na região da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC).

Em novembro de 2023, a visita do presidente João Lourenço à Casa Branca foi um marco nas relações entre Angola e os EUA. Um dos principais pontos de discussão foi o projeto do Corredor do Lobito, que visa facilitar o comércio entre Angola e outros países africanos. De acordo com o site oficial da União Europeia, “o Corredor do Lobito é o primeiro corredor econômico estratégico lançado sob a égide da Parceria para Infraestruturas e Investimento Global do G7 (PGI) em maio de 2023”, reforçando as possibilidades de exportação para Angola, República Democrática do Congo (RDC) e Zâmbia.. Embora o projeto represente uma oportunidade de crescimento, há sinais de alerta sobre as vulnerabilidades que Angola pode enfrentar em um ambiente global volátil.

O presidente dos EUA enfatizou a importância de Angola como aliado estratégico na África, mas essa aproximação também trouxe à tona tensões com a China. Segundo a DW (2023), “o chefe de Estado angolano, João Lourenço, enviou uma carta a Xi Jinping expressando preocupações com as crescentes tensões nas relações entre Angola e a China”. Isso demonstra o descontentamento chinês em relação à aproximação de Angola com os EUA. O “Jornal de Negócios”, em sua edição de 03 de setembro, destacou que “as relações entre a China e Angola continuam a esfriar, com João Lourenço substituindo sua participação no Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) pelo ministro das Relações Exteriores, Tété António”. Segundo a “RDP África”, essa ausência foi interpretada como uma mensagem clara de que “se a China deseja que Angola continue comprando seus produtos, deve aumentar os financiamentos”. Além disso, o “Portal Angola 24 Horas”, em sua edição de 4 de outubro, relatou que “os chineses estão incentivando a construção de infraestruturas concorrentes ao Corredor do Lobito, algo que desagrade a Luanda”.

A visita do presidente dos EUA, Joe Biden, a Angola reforça a intensificação das relações entre os dois países. Segundo o “Novo Jornal”, em sua edição de 4 de outubro, a porta-voz da Casa Branca, Karine Jean-Pierre, destacou que os presidentes abordarão “o fortalecimento da democracia e do engajamento cívico, a intensificação da ação em matéria de segurança climática e a transição para energias limpas, além de reforçar a paz e segurança regionais e globais”. Demonstrando uma proximidade cada vez maior com os



Estados Unidos da America e um distanciamento em relação a China.

CONCLUSÕES

As relações de Angola com os Estados Unidos e a China revelam-se como uma rede de interações complexas, moldadas por interesses econômicos, políticos e estratégicos. A pesquisa revelou que, à medida que Angola busca diversificar suas parcerias internacionais, especialmente com sua recente saída da OPEP e o aumento da cooperação com os EUA, surgem novos desafios, incluindo a necessidade de equilibrar essas relações com a preservação da soberania nacional. A aproximação com os EUA, evidenciada pela cooperação militar e pelos grandes projetos de infraestrutura, como o Corredor do Lobito, tem trazido benefícios significativos para Angola. No entanto, essa estreita relação tem gerado tensões com a China, que, há décadas, desempenha um papel crucial na economia angolana, principalmente em projetos de infraestrutura.

Em síntese, a pesquisa permitiu explorar as oportunidades e os desafios decorrentes das interações entre Angola, EUA e China. Fica evidente que, para assegurar um desenvolvimento sustentável e a preservação da soberania, Angola deve continuar a buscar um equilíbrio cuidadoso nas suas relações com essas potências. A interdependência estabelecida com esses dois países demonstra que qualquer movimento estratégico de Angola pode impactar suas relações com ambos, reforçando a importância de uma política externa orientada para o longo prazo e que atenda aos interesses nacionais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Deus pela saúde e capacidade para podermos realizar este trabalho e ao Professor e orientador Miguel Dias, cujos ensinamentos, orientações e incentivos foram fundamentais para o desenvolvimento do estudo. Por fim, reconhecemos a importância do apoio familiar e dos amigos, que nos incentivaram ao longo de todo processo.

REFERÊNCIAS

ADAM, Gabriel Pessin; SHUTZ, Nathaly Xavier. Relações EUA-África: os 10 anos de estabelecimento do Africom (2007-2018). Rev. Bras. Est. Def. v. 6, nº 2, p. 185-204, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/download/75169/42111/311751>. Acessado em: 12/09/2024.

BIGGI, Bruno da Silva. SOBREVIVENDO ENTRE OS GIGANTES: A Interdependência Complexa nas relações de Angola com a China e com os Estados Unidos da América. Dissertação (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) - Escola de Guerra Naval, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://repositorio.mar.mil.br/bitstream/ripcmb/845995/1/CEMOS2022_BIGGI.pdf . Acessado em: 15/09/2024.

CULO, Lucas Tchivinda Kaunda. A política externa de angola: processos e pilares para elaboração da política externa de angola nos Tempos atuais e suas tendências para o futuro. Trabalho de Conclusão do Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacioanl da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2024. Disponível em:

<https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/5370>. Acessado em: 11/09/2024.

DE SOUZA, Rodrigo Guimaraes. A Saída da Angola Sinaliza o Início do Fim para o Cartel de Petróleo da OPEP?. Atlas Report. 09 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://atlasreport.com.br/a-saida-da-angola-sinaliza-o-inicio-do-fim-para-o-cartel-de-petroleo-da-opep/> Acessado em: 15/09/2024.

DW. Base militar dos EUA custaria a subserviência de Luanda?. Luanda, 12 de Junho 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/base-militar-dos-eua-custaria-a-subservi%C3%Aancia-de-luanda/a-69335170> Acessado em: 15/09/2024.

DW. Entre EUA e China: Angola busca equilíbrio?. Luanda, 08 de Dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/entre-eua-e-china-angola-busca-equil%C3%ADbrio/a-67668907> Acessado em: 16/09/2024

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

JORNAL DE NEGÓCIOS. Governo chinês “furioso” com ausência de Lourenço, Luanda, 03 de Setembro de 2024. Disponível em: <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/mundo/africa/angola/detalhe/governo-chines-furioso-com-ausencia-de-lourenco>. Acessado em: 15/09/2024

PORTAL ANGOLA 24 HORAS. Governo chinês “furioso” com ausência de João Lourenço em Pequim. Luanda, 04 de Outubro de 2024. Disponível em: <https://angola24horas.com/sociedade/item/30346-governo-chines-furioso-com-ausencia-de-joao-lourenco-em-pequim>. Acessado em: 04/10/2024.

RDP ÁFRICA. Ausência do Presidente de Angola da Cimeira China-África é recado para Pequim. Luanda, 5 de Setembro 2024. Disponível em: <https://rdpafrika.rtp.pt/africa-em-destaque/ausencia-do-presidente-de-angola-da-cimeira-china-africa-e-recado-para-pequim/> Acessado em: 17/09/2024.

RODRIGUES, Beatriz Castro. Uma abordagem política e económica entre China e Angola. 2020/2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2020/2021. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/136427/2/499243.pdf> Acessado em: 15/09/2024.

SITE OFICIAL DA UNIÃO EUROPEIA. Interligar a República Democrática do Congo, a Zâmbia e Angola aos mercados globais através do Corredor do Lobito. Bruxelas, 2024. Disponível em: https://international-partnerships.ec.europa.eu/policies/global-gateway/lobito-corridor-connecting-democratic-republic-congo-and-zambia-global-markets-angola_pt.. Acessado em: 06/10/2024

SOUSA, Ivo Carneiro. China e Angola: Trinta anos de Relações Diplomáticas. Lusofonias, Luanda, 15 de Julho de 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279199125_China_e_Angola_Trinta_anos_de_Relacoes_Diplomaticas. Acessado em: 11/09/2024.